

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO -
ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA

Eliandra Carla Sebold

**HISTÓRIAS DE VIDA DE TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES DA COMUNIDADE
DE BARRO BRANCO EM ALFREDO WAGNER/SC:
AS RELAÇÕES FAMILIARES, SOCIAIS E EDUCACIONAIS, E ESTRATÉGIAS DE
SUPERAÇÃO.**

Florianópolis/Alfredo Wagner

2021

Eliandra Carla Sebold

**HISTÓRIAS DE VIDA DE TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES DA COMUNIDADE
DE BARRO BRANCO EM ALFREDO WAGNER/SC:
AS RELAÇÕES FAMILIARES, SOCIAIS E EDUCACIONAIS, E ESTRATÉGIAS DE
SUPERAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Licenciatura em Educação do Campo - Área de
Ciências da Natureza e Matemática, do Centro de
Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do título de Licenciado
em Educação do Campo.

Orientadora: Prof(a). Dr(a) Beatriz B. Hanff

Florianópolis/Alfredo Wagner

2021

Ficha de identificação da obra

Sebold, Eliandra Carla

Histórias de vida de três gerações de mulheres da comunidade de Barro Branco em Alfredo Wagner/SC: As relações familiares, sociais e educacionais, e estratégias de superação. / Eliandra Carla Sebold ; orientadora, Prof.(a) Dr.(a) Beatriz Bittencourt Collere Hanff , 2021. 35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Educação do Campo, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Educação do Campo. 2. Mulher campesina. 3. Relações entre as Mulheres. 4. Educação do Campo. 5. Estudo de Gerações. I. Hanff, Beatriz Bittencourt Collere. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Eliandra Carla Sebold

**Histórias de vida de três gerações de mulheres da comunidade de Barro Branco em
Alfredo Wagner/SC:
As relações familiares, sociais e educacionais, e estratégias de superação.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado em Educação do Campo - Área de Ciências da Natureza e Matemática” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Área de Ciências da Natureza e Matemática

Florianópolis/Alfredo Wagner, 10 de agosto de 2021.

Prof. Dr. Carolina Orquiza Cherfem
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Beatriz Bittencourt Collere Hanff
Orientador(a)
Instituição UFSC

Prof.(a) Dr.(a) Carolina Orquiza Cherfem
Avaliador(a)
Instituição UFSC

Prof.(a) Dr.(a) Maíra Defendi Oliveira
Avaliador(a)
Instituição UFSC

Prof.(a) Dr.(a) Graziela Del Monaco
Avaliador(a) Suplente
Instituição UFSC

Dedico este trabalho a minha família, sem o apoio e incentivo deles não teria sido possível a conclusão deste curso. E a todas as mulheres, em especial as do Campo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo Dom da vida.

A minha família em especial a meus pais Lucimar e Angelita e aos meus irmãos Fabia e José Antônio, ao meu esposo Lucas pelo apoio e compreensão que tiveram durante estes anos.

Agradeço imensamente a Professora Beatriz (Bia) Hanff, pela atenção e dedicação na elaboração deste trabalho, assim como também se dedicou durante todo o curso, sempre nos incentivando e valorizando aos nossos conhecimentos, e compreendendo nossas aflições. A ela e aos demais professores do curso que não mediram esforços para que a nossa turma concluísse o curso, o meu muito obrigado.

Minha gratidão às mulheres da minha comunidade que contribuíram para o resultado final do trabalho.

Gratidão também aos meus colegas da turma por estes quatro anos e meio, de muitos momentos de realizações e também, de aflições e angústias que foram divididas, sempre um fortalecendo ao outro.

A todos, a minha gratidão.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, investigar, em três gerações de mulheres camponesas, na comunidade de Barro Branco, Alfredo Wagner- SC, a relação do se constituir mulher trabalhadora no campo e alcançar níveis mais elevados de escolaridade. Desse modo, focou-se na investigação sobre quais imagens/representações essas mulheres produzem sobre si, e como se estabelecem as relações entre as três gerações de mulheres de duas famílias do campo, e o papel dessas mulheres nas relações familiares e sociais. Para alcançar os objetivos da pesquisa ouvimos a história de vida de três gerações de mulheres, de duas famílias do Campo. Ao ouvir as histórias de vida destas mulheres camponesas, vimos que elas desempenham na propriedade múltiplas funções, são duplas, triplas jornadas de trabalho. São responsáveis por toda a organização da família, além disso, sempre foram membros atuantes na comunidade, cumprindo seu papel social. Através das relações entre elas, que vem se fortalecendo a cada geração, desenvolvem estratégias para buscar maior autonomia e independência econômica. A cada geração os níveis de escolaridade foram se elevando. A terceira geração de mulheres do campo tem maior acesso à escola que as gerações anteriores onde o acesso lhes era negado. A terceira geração recebe de suas mães o incentivo e apoio para dar continuidade aos estudos, ampliar seus conhecimentos, ter uma formação, permanecer no campo, e buscar independência econômica.

Palavras-Chave: Mulher camponesa; Relações entre as Mulheres; Educação do Campo, Estudo de Gerações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I - A MULHER DO CAMPO: O QUE FALAM OS PESQUISADORES	16
A mulher no campo em Santa Catarina	18
II - O QUE SIGNIFICA SER MULHER NO CAMPO: A HISTÓRIA DE VIDA DE TRÊS GERAÇÕES (AVÓ, MÃE E FILHA)	21
2.1. A Primeira Geração das Mulheres no Campo (Nossas avós)	21
2.2. A Segunda Geração de Mulheres no Campo (Nossas mães)	25
2.3. A Terceira Geração de Mulheres no Campo (As filhas)	26
2.4. As diferenças e similaridades entre as Gerações de Mulheres	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

Pensar no trabalho da mulher camponesa de Alfredo Wagner, e o acesso que estas tiveram à escola, se constituem no meu objeto de estudo, para esse trabalho de conclusão de curso, e também é algo muito próximo da minha vida.

Sou mulher, atualmente trabalho como professora na rede de ensino estadual, mas antes disso, atuo no campo como agricultora. Iniciei o curso superior de licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2017. Estudar sempre fez parte do meu projeto de vida, terminei o ensino médio no ano de 2008, e por motivos financeiros e também por não ter no município nenhuma instituição de ensino superior, não consegui dar continuidade aos meus estudos. O tempo passou e a vontade de estudar e me tornar professora foi ficando esquecida. No ano de 2016, através de um projeto do governo federal para diversificação nas áreas de cultivo do tabaco, conheci a Leila, egressa do curso de licenciatura em Educação do Campo, que me apresentou o curso de forma rápida, e informou que naquele ano o vestibular seria em nossa região. No começo não dei grande importância, mas minha mãe disse afirmou que eu iria fazer. Então fiz o vestibular, entrei para o curso e por diversas vezes pensei em desistir, e abandonar tudo, afinal estudar e trabalhar não é tarefa fácil, mas meus colegas de turma, professores e familiares (especialmente minha mãe) me incentivaram a continuar.

Durante estes anos de estudo, o conhecimento adquirido foi imenso, o meu olhar mudou, se tornou mais crítico, e a construção do tema deste trabalho surge deste olhar que se transformou nestes quatro anos de curso. Ao final do segundo ano tive a oportunidade de aprofundar os estudos e construir um artigo em parceria com outro estudante do curso sobre o processo de fechamento das escolas do campo. Esse trabalho propiciou adentrar na pesquisa qualitativa e no levantamento de dados por meio de entrevistas. Já ao final do curso a necessidade da realização do requisito final – Trabalho de Conclusão de Curso – me levou a pensar na possibilidade de estudar as questões de gênero no campo.

Vivemos em uma sociedade na qual o patriarcado ainda se faz presente e por esta razão a invisibilidade do trabalho das mulheres é muito forte. No campo esta invisibilidade se amplia e já que seu trabalho não é reconhecido pelos companheiros e familiares. No entanto,

nas últimas décadas, movimentos sociais e políticos vêm buscando equidade entre homens e mulheres.

Na sociedade patriarcal os homens são os que detêm o poder, ganham mais mesmo desempenhando as mesmas funções das mulheres, e são eles que tomam as decisões pela família. Há algum tempo atrás, não muito distante, até na divisão da herança familiar os filhos homens recebiam mais que as filhas mulheres. Embora nos últimos anos tenha havido avanços, ainda está longe de termos uma equidade de gênero.

No campo, a divisão do trabalho na propriedade também está presente nas questões de gênero. É atribuído ao homem todo o trabalho produtivo e, as mulheres as tarefas domésticas. No entanto, as mulheres assumem o trabalho produtivo na forma de ‘ajuda’, e cumprem uma rotina multivariada de atividades que vai da obrigação de cuidar dos animais, das tarefas domésticas, dos filhos, e na parceria com as atividades produtivas, como ação instituída no contrato do casamento. Tais trabalhos invisíveis na sociedade, na comunidade e mesmo na família reforçam as relações de poder instituídas há séculos.

De fato, o mais específico é a [invisibilidade do trabalho produtivo delas](#), porque o quintal é visto como uma extensão da casa. Então elas não recebem assistência técnica específica, não conseguem pegar crédito para financiar o trabalho nos quintais, porque geralmente quem libera tanto a assistência técnica oficial como o crédito não tem olhado os quintais como espaços de produção. (A vida calejada das mulheres do campo. (TORRES, 2019)

Essa mesma forma se estende nos espaços de liderança, organização e negociações financeiras e que depende, na maioria das vezes, da forma como essas mulheres vão ocupando esses espaços.

Primeiro tem a própria [capacidade da mulher](#) de estar em uma reunião e interferir, porque o espaço público é negado às mulheres desde a infância. Quando se coloca uma reunião com homens e mulheres, se as mulheres não têm muito a experiência da fala, em geral elas se calam. Há o desafio de sair de casa e deixar os filhos, de o marido permitir que elas saiam. Porque se uma mulher sai para ir a uma reunião, isso significa que alguém tem que fazer a comida no lugar dela. É um processo árduo que as mulheres precisam cumprir. Isso sem falar no próprio preconceito dos outros parceiros nos movimentos, de achar que mesmo nas reuniões as mulheres precisam cuidar mais da organização, da limpeza, da comida, do espaço das reuniões, mas quem faz a pauta política em geral são os homens. (A vida calejada das mulheres do campo. (TORRES, 2019)

A partir dos estudos preliminares e de um olhar mais crítico surgiu a pergunta: Que relações e identidades estão presentes nas histórias de vida de três gerações de mulheres camponesas da comunidade de Barro Branco – Alfredo Wagner- SC? O que representa/ou, para essas mulheres o acesso à escola? Quais relações se estabelecem entre essas mulheres nas diferentes gerações para buscar a superação da dependência econômica e social?

Para responder às questões temos algumas hipóteses, quais sejam:

1) Nas três gerações de mulheres (avó, mãe e filha), embora se reproduzam as relações de dominação, subserviência, dependência econômica e social no campo, essas mulheres desenvolvem estratégias de superação.;

2) Embora haja melhora nos indicadores de escolarização das mulheres, no campo ainda permanecem indicadores de baixa escolaridade e a dependência social e econômica familiar.

O trabalho tem como objetivo, investigar, em três gerações de mulheres camponesas, na comunidade de Barro Branco, município de Alfredo Wagner, em Santa Catarina, a relação do se constituir mulher trabalhadora no campo e alcançar níveis mais elevados de escolaridade.

Para alcançar o objetivo proposto, formulamos objetivos específicos que ajudaram a delimitar melhor o estudo. Desse modo, focou-se na investigação sobre quais imagens/representações essas mulheres produzem sobre si, e como se estabelecem as relações entre as três gerações de mulheres de duas famílias do campo, e o papel dessas mulheres nas relações familiares e sociais.

Isso significou ouvir as histórias de vida de três gerações de mulheres, os desafios no cotidiano familiar, de trabalho e social encontrados no campo; destacar e valorizar o protagonismo das mulheres à frente das propriedades e na organização, bem como os sonhos das mulheres do campo. Portanto, metodologicamente, para gerar os dados necessários para o estudo utilizei da metodologia da história de vida, para resgatar a memória das três gerações de mulheres do campo.

Primeiro localizei famílias da comunidade de Barro Branco- Alfredo Wagner, em que tivessem as três gerações morando na mesma comunidade ou nas proximidades, já que o objetivo do trabalho era o de pensar no papel da mulher no campo, o acesso que estas tiveram a escola, sendo assim elas precisavam ter relação com a agricultura desde pequenas.

Família 1: Em que as três gerações de mulheres, estejam morando e trabalhando diretamente com o campo. Escolhi esta família porque no meu primeiro tempo comunidade (TC), conversei com a primeira geração, ela me trouxe muitos relatos da comunidade e os desafios que ela e todos sujeitos do Campo passaram na infância e ao longo dos anos.

Família 2: Em que as três gerações de mulheres moram no campo, mas que o trabalho de uma delas, não esteja diretamente ligado à agricultura. Esta é a minha família. Sou quem mora no campo, cujo trabalho não está mais ligado diretamente à produção agrícola, e que teve a oportunidade de dar continuidade aos meus estudos. Como parte dos objetivos é o acesso que as mulheres do campo têm à escola, eu não poderia deixar de ouvir e minhas gerações passadas. Indagar os motivos que as levaram a não estudar. Por que não gostavam? ou por que não tiveram a oportunidade que eu tive? O que mudou de uma geração para outra?

Ouvir essas mulheres relatarem um pouco de suas vidas representa grande aprendizado. E apesar de fazer parte de uma dessas famílias e estar habituada a ouvir as histórias da minha vó, conversar com minha mãe, conhecer um pouco a outra família, ouvir seus relatos, suas histórias de vida foi muito gratificante. Fui percebendo as relações construídas pouco a pouco entre elas sem me dar conta que isso foi fundamental para que eu permanecesse no campo e aí tivesse aproveitado a oportunidade de entrar em um curso superior na universidade pública, enfim, compreender o que o campo representa para a vida dessas mulheres.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, selecionamos alguns aspectos da base teórica, que remete a autores que estudam sobre a mulher do Campo, a questão de gênero e geração. Na segunda parte registramos, comparamos e analisamos os relatos que ouvimos de mulheres camponesas pertencentes a três gerações, destacando as diferenças e similaridades existentes entre as três gerações.

Os nomes que identificam as mulheres são fictícios.

I - A MULHER DO CAMPO: O QUE FALAM OS PESQUISADORES

A mulher do campo apesar de desempenhar um papel de extrema importância para a família e para a agricultura familiar, ainda é inferiorizada em relação aos homens. Segundo Antunes (2009, p.108), “a mulher trabalhadora em geral realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa [...] ela é duplamente explorada [...] no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico”. Mesmo desempenhando funções tão essenciais para um melhor desempenho da propriedade e da família, ainda assim são consideradas inferiores à figura masculina.

À mulher do campo cumpre tarefas definidas socialmente. A ideologia patriarcal predominante no campo e na estrutura social influencia o modo de vida das mulheres no campo, desvalorizando e invisibilizando o árduo trabalho delas tanto na esfera reprodutiva, quanto na esfera produtiva. Primeiro no espaço do qual se origina, pelo pai, e depois a partir do casamento, pelo marido. Cabe então à mulher do campo, cuidar da casa, da horta, dos animais, ir para a lavoura, cuidar dos filhos ser responsável pela subsistência da casa, participar socialmente da comunidade local e das festas em família. Enfim, garantir que nada interfira no andamento “do lar”.

Fica sob a responsabilidade do homem a gestão da propriedade, incluindo a comercialização dos produtos, a aquisição de novos maquinários, enfim toda a parte financeira é feita exclusivamente pela figura masculina. A desigualdade de gênero no campo ainda é algo marcante. As mulheres também desempenham as funções produtivas, apenas não são reconhecidas e fica sobre responsabilidade dos homens a propriedade.

No campo ainda é muito forte a questão do homem ser o provedor e responsável pelo sustento da família enquanto a mulher fica com as atividades domésticas e “ajuda”o marido na lavoura, um serviço que não é remunerado, não traz lucro para a propriedade e nem tem seu devido reconhecimento (HERNANDEZ, 2010).

Na agricultura familiar a atividade leiteira e a produção de derivados têm grande importância seja para consumo interno ou venda dos excedentes. Geralmente esta atividade é desempenhada pelas mulheres, porém a partir do momento em que a atividade passa a ganhar mais espaço e rendimento os homens começam a gerenciá-la e passa a não ser mais somente tarefa das mulheres. (HERNANDEZ, 2010)

Além de assumir uma multiplicidade de tarefas, a mulher no campo, também sofre com violência doméstica. Alguns fatores fazem com que a violência seja ainda mais frequente e sem uma punição para o autor no campo do que na cidade, como por exemplo, casas distantes uma das outras, falta de telefonia, locais de difícil acesso. A criação de leis para acabar com a violência contra a mulher tem avançado, porém é necessária uma lei que atenda as especificidades das mulheres do campo.

Em pesquisa, realizada na cidade de São Paulo e interior do Estado de Pernambuco, que compara os dados da violência contra a mulher, seja ela física, psicológica ou sexual, entre a cidade de São Paulo e o interior do estado de Pernambuco, os percentuais da área rural de Pernambuco são sempre mais altos, sendo que nem todas as agressões são denunciadas levando em conta que estas moram distantes do núcleo urbano do município o que dificulta os pedidos de ajuda e a denúncia aos órgãos públicos. O que explica o percentual de violência ser maior no campo do que na cidade é a falta de políticas públicas para essas mulheres, ou seja: escola, incentivo para a titulação da propriedade e acesso a benefícios sociais como auxílio desemprego. Desse modo, a mulher do campo está desprotegida de todas as formas, sem educação, sem renda e sem políticas públicas. (SCOTT, RODRIGUES, SARAIVA, 2010)

Tripla jornada de trabalho, violência, falta de políticas públicas, faz com que, em especial as mulheres camponesas, migrem do campo para a cidade. Sem dúvida, como aponta Scott a questão da mulher estar sempre submissa ao homem está atrelada às questões de gênero e geração, e o gênero opera como "um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1999, p.14 apud GERMINIANI, LORETO s/d, p.3).

Para Scott é necessário entender o que significa gênero, para então compreender as relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres. Para ele, gênero é algo que foi criado pela sociedade para definir as relações de poder existentes com o objetivo de favorecer alguns grupos. Sendo assim essas relações de poder, podem mudar de geração para geração ou da sociedade e do lugar em que estão inseridas. (SCOTT, 1999, p.14 apud GERMINIANI, LORETO, s/d, p.4)

Em especial na agricultura familiar as questões de gênero tem se construído dia a dia, um reflexo do avanço das mulheres nestas questões e a instituição de uma parceria na

propriedade, já que não se deve estabelecer relações de poder entre os familiares homem e mulher mas sim uma relação de companheirismo. As mulheres não mais reproduzem apenas o que a sociedade impõe que seja obrigação delas, mas sim, são ativas na propriedade na comunidade, se envolvem na organização e tomada de decisões da família. Assim ela vai ganhando espaço e voz, não são mais apenas reprodutoras, na qual todas as mulheres desempenham as mesmas funções e são vistas como iguais, mas que cada uma é única, ocupa um espaço e também é capaz de produzir (OLIVEIRA, 2018).

Ser mulher no campo, não se constitui em uma tarefa fácil e nem ao menos reconhecida. A divisão sexual do trabalho talvez seja mais forte no campo do que na cidade. As funções da mulher no campo são inúmeras como por exemplo, cuidar da casa, dos filhos, da alimentação, tratar dos animais, da horta e por fim uma “ajuda” ao marido na lavoura. As tarefas são específicas de mulheres, porém essa especificidade de tarefas não vale para os homens.

1.1. A mulher no campo em Santa Catarina

No estado de Santa Catarina, a maior parte das propriedades rurais são pequenas e com predomínio da agricultura familiar. A falta de políticas públicas para o incentivo à agricultura familiar implica que nem todos os membros da família consigam retirar seu sustento da propriedade.

Segundo dados da pesquisa realizada no Oeste Catarinense, geralmente quem migra do campo para a cidade é a mulher. Essas mulheres, a maioria jovens, migram para a cidade, em busca de novas oportunidades, acesso ao ensino superior e independência econômica. Para a maioria delas que saíram do Oeste Catarinense, saem em busca de uma profissão e de serem reconhecidas no mercado de trabalho. Para elas, a permanência no campo produz simples donas de casa, sem um reconhecimento merecido. Estas jovens recebem todo o apoio da família para saída do campo e continuidade dos estudos, e os pais são incentivadores, pois acreditam que no campo as oportunidades são menores que na cidade. (ZAGO, 2016).

Segundo ZAGO, no final dos anos 70, a maioria das escolas do Campo funcionavam em classes multisseriadas, e a oferta escolar era da 1ª à 4ª série do antigo primário, até esse nível de escolaridade, a assiduidade escolar era entre 90% e 100%, após isso os estudos eram

interrompidos. Não era ofertado para os povos do campo, o ensino após o quarto ano do ensino fundamental. (2016, .p.63)

Esse fato não se dá exclusivamente para o Oeste Catarinense já que é mais de 45% da população brasileira que vivia no campo sofria grande defasagem quando comparada com a população urbana. Entre os jovens de 14 anos ou mais, a proporção de não alfabetizados era de 42% nas zonas rurais, contra 16% nas áreas urbanas, e, no que se referia à faixa de idade que ia dos 6 aos 13 anos, a proporção era de 55% contra 27%, respectivamente. (SZMRECSÁNYL, QUEDA, 1979, p. 226 apud ZAGO, 2016 p.63).

Devido à falta de instituições escolares no campo, há uma grande migração do campo para a cidade, em especial de jovens, que saem em busca de novas oportunidades, e enxergam na cidade a possibilidade de continuação dos estudos e independência financeira. Nas últimas décadas a população que mais migra para a cidade são jovens agricultoras que manifestam um desejo maior de sair do meio rural. Os motivos pelos quais as mulheres mostram ter mais interesse em sair do campo é dar continuidade nos estudos e a desigualdade da mulher na gestão da propriedade agrícola, afinal a mulher no campo não tem reconhecimento, e depende economicamente de seus esposos. (ZAGO, 2016, p.73).

A partir de lutas, movimentos sociais e movimento de mulheres camponesas foram ganhando força e espaço. Na década de 80 as mulheres participavam socialmente apenas nas comunidades onde moravam, exercendo apenas ministérios da igreja, porém nem tudo ali era permitido. Nesta mesma década iniciam as discussões sobre a “libertação” das mulheres, via Pastoral da Terra e Comunidades Eclesiais de Base, sob a liderança do bispo Dom José Gomes, o que ocorreu em meio a disputas e tensões. Um forte movimento apoiado pela igreja era o MMA (Movimento das Mulheres Agricultoras). Mais tarde a igreja não consegue mais resolver e escutar as vozes das mulheres, então o movimento se afasta e vai incorporando parte das reivindicações do movimento feminista para a vida e necessidades no campo. Mais tarde o MMA, passa a articular-se com MST (Movimento dos Sem Terra) O apoio dos movimentos sociais é o grande marco de início do empoderamento da mulher camponesa. Luci Terezinha Choinaski, eleita Deputada Estadual de Santa Catarina na década de 80 e por 3 vezes Deputada Federal, na década de 90, uma das poucas mulheres camponesas a chegar no Congresso Nacional, sempre se destacou na luta pela garantia de espaço para as mulheres do campo junto ao MMA. Muitas lutas aconteceram para garantir os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, foram lutas diárias. Com a entrada de uma liderança feminina em um espaço de poder, coincide com a mudança de postura das feministas latino-americanas. Neste

período em que atuou como representante política lutou pelo direito aos agricultores familiares e em especial as Mulheres Camponesas. (PAULILO, SILVA, 2010, p. 43)

A partir da participação nos movimentos sociais elas vão ganhando autonomia e, muitas vezes, acontecem conflitos, em especial, com seus companheiros. De acordo com Saffioti e Almeida , (1995 apud SCOTT, RODRIGUES, SARAIVA, 2010, p.70), elas adquirem poder e passam a conviver com as duas faces advindas dele: a da potência e a da impotência, sendo a primeira adquirida por elas e a segunda sentida por eles, que são socializados para o exercício do poder e convivem mal com a impotência.

Outra conquista para a mulher do campo foi o PRONAF Mulher ¹. Para muitas foi a primeira vez que entraram em um banco, se envolveram com a parte financeira da propriedade, e passaram a ser reconhecidas não só como “donas de casa”, mas também como produtoras rurais. (HERNANDEZ, 2010, p 107).

II - O QUE SIGNIFICA SER MULHER NO CAMPO: A HISTÓRIA DE VIDA DE TRÊS GERAÇÕES (AVÓ, MÃE E FILHA)

A comunidade de Barro Branco faz parte do município de Alfredo Wagner, interior do estado de Santa Catarina . É uma comunidade do interior, distrito do município, sua renda vem da agricultura familiar, e as principais culturas são o tabaco, a cebola, o milho, e a criação de gado leiteiro e de corte.

As famílias que ali moram são descendentes de alemães e italianos. A agricultura prevalece e o cultivo não mudou ao longo dos anos e passadas de geração em geração. Nos momentos de lazer os sujeitos jogam futebol, participam das festas nas comunidades, tomam um chimarrão com o vizinho.

É dessa comunidade que saíram as histórias de vida de seis mulheres do campo que representam três gerações: avós, mães e filhas.

Da primeira geração temos D. Lia, agricultora e “dona de casa”, 75 anos, 4 filhos, originária dessa comunidade, aliás minha avó. A outra, D. Lina, 82 anos, agricultora, 4 filhos, também é originária da comunidade de Barro Branco.

Da segunda geração destacamos D. Lita (minha mãe), agricultora, 52 anos, 3 filhos; e D. Val, agricultora, 49 anos, 2 filhos .

Da terceira geração participaram Carla, enquanto filha agricultora e professora, 29 anos, ainda não tem filhos, concluindo o Curso de Licenciatura em Educação do Campo pela UFSC; e Tai, agricultora, 21 anos, solteira (com casamento marcado para breve) e que concluiu o Ensino Médio

2.1. A Primeira Geração das Mulheres no Campo (Nossas avós)

Segundo relatos da primeira geração, ser mulher no campo não era uma tarefa fácil.

Minha avó, D. Lia é uma mulher de 75 anos que sempre trabalhou na “lida do campo”. É uma mulher forte, decidida e exerce uma liderança familiar. Além do que “era permitido” para sua época, sempre teve opinião própria e soube se impor. Perdeu a mãe ainda jovem, e isso contribuiu para seu fortalecimento. Assumiu a responsabilidade pelo cuidado dos

irmãos mais novos e foi ganhando respeitabilidade ao assumir o papel de “mãe” em sua família.

Não demonstra ser uma mulher submissa e sem opiniões. Ao contrário, sua fala é marcada por posicionamentos firmes.

Segundo D. Lia ser mulher no campo era:

(...) levantar de manhã, tratar os animais, preparar o café, arrumar as crianças e ir para a roça. Perto do meio-dia voltar para casa e preparar o almoço. Depois do almoço, enquanto o marido descansa, arrumar a cozinha, preparar o café e à tarde voltar para a roça. À noite voltamos para casa e depois de tratar os animais é hora de limpar a casa e iniciar o pão e o almoço para outro dia.

O relato expõe as funções múltiplas desempenhadas por D. Lia e o papel fundamental que desempenhava para a continuidade das relações de trabalho na propriedade. Sem a sua intervenção novas relações de trabalho precisariam ser construídas que alterariam de forma significativa o cotidiano familiar e de produção. Parceria significava estar junto e não dividir tarefas consideradas próprias às mulheres.

Ia para a roça a semana inteira até sábado ao meio dia, a tarde de sábado era para arrumar e organizar a casa as vezes não conseguia fazer tudo de dia e tinha medo de ficar a noite sozinha na cozinha então meu marido, pegava um colchão e deitava na cozinha até eu terminar o serviço”. (Lia).

O depoimento de Dona Berta, mostra um cotidiano com as atividades similares. “(...) Acordar cedo, tratar os animais, arrumar as crianças, ir pra roça, de meio dia faz o almoço, a tarde volta pra roça, de noite, trata as criação de novo e assim todos dias, você sabe como é, né minha filha?” (Berta).

Apesar dos depoimentos mostrarem que ser mulher do campo não é algo fácil, por atribuir às mulheres várias funções, elas se mostraram satisfeitas com a vida no campo. Apesar de afirmarem gostar do campo, se queixam da falta oportunidades, como por exemplo, o acesso à escola. Para Dona Berta a escola não fez parte de sua vida. Quando indagada se havia estudado, respondeu. “(...)A minha filha não estudei”. “(...) Ah, não tinha escola naquela época minha filha, parece que fui uns quatro meses de aula”. (Berta).

Segundo D. Berta a escola era na casa da professora “mas não era todos os dias que se tinha aula. (...) Era aquele rolo, hoje tinha, amanhã não tinha, não é como agora que tem de continuo, então, fui uns quatro meses (nem sei se deu) e parei todos lá em casa foram assim”. Além de não ter aula todos os dias, a escola também ficava distante de sua casa uns 4 km, e o trajeto era feito a pé, outro fato para o abandono dos estudos. (Berta)

Já para D. Lia, a escola se fez um pouco mais presente, já se tinha uma escola e um professor todos os dias, e afirmou que estudou até o quarto ano em escola multisseriada. Quando questionada sobre se gostava de estudar respondeu que “(...)Gostava mas não tinha tempo”(Lia).

Sem dúvida, ter assumido desde cedo à função de criar e educar seus próprios irmãos retirou o seu direito de poder usufruir da escola. Para ela

Frequentava a escola apenas quando não tinha muito serviço na lavoura, os dias que iam para a escola também tinham tarefas antes de ir e após, o tempo era controlado. Antes de ir estudar de manhã os afazeres eram: “ (...) tratar os animais, roçar pasto, meia hora antes da aula parava o serviço e ia”(Lia).

A escola é pouco presente na memória desta primeira geração, e o que lembram, do período da juventude e da fase como adultas, é muito trabalho, pouca liberdade e quase nenhuma conversa com seus pais, nem ao menos com a mãe. “(...) Aquele tempo era muito diferente de hoje em dia, hoje em dia cada um faz o destino, mas naquele tempo era tudo certinho né (...)As coisas eram mais sérias(...) se fosse daqui ali no vizinho, a mãe ou um irmão tinha que ir junto”(Berta).

Como podemos notar nos depoimentos, havia pouca conversa entre as mulheres e as regras eram seguidas sem questionamentos.

Ambas se casaram e tiveram filhos, e continuaram vivendo e trabalhando do e no campo. E ao que parece este é o perfil das mulheres desta geração - mulheres que hoje se encontram na faixa etária entre 75 e 85 anos. Afinal, tradicionalmente esse era o caminho trilhado por todas sem críticas ou arroubos para uma vida diferente. Respeitavam os costumes do período. No entanto, D. Lia ao saber que sua nora havia engravidado antes do casamento, defende a nora e os acolhe. Ao mesmo tempo, - mostra respeito aos costumes já que mesmo reconhecendo o “erro cometido” os dois estavam casados. O acolhimento e proteção amplia a possibilidade de mão-de-obra na propriedade e integra a família, preservando-a. O relato de D. Lia mostra que não há subserviência ao marido e que a decisão em nenhum momento foi contestada.

Já D. Berta considera que não era possível você escolher o que queria fazer de sua vida, onde morar e no que trabalhar, a falta de oportunidades fazia com que quem nascesse agricultor morresse agricultor. “(...) Nós não tínhamos outra opção era somente ficar na roça, não é como hoje que cada um destina o quer , nem estudo tinha (...) era a única opção ficar na roça.” (Berta).

A relação de companheirismo no casamento e até mesmo das filhas com o pai, era uma relação sem questionamentos, sem muitas conversas e o poder de decisão cabia aos homens da casa. “(...) Aquele tempo era mais rigoroso, eles que decidiam.”(Berta).

Entre mãe e filha também não existia uma relação de companheirismo e diálogo, conversavam o básico, pouquíssimas coisas e cada uma ia aprendendo com a vida.

D. Berta e D. Lia também nos relatam que sempre fizeram parte da comunidade antes e após o casamento, sempre exercendo alguma função e sendo membro atuante na mesma. Em organização de festas, exercendo o ministério da eucaristia e catequese, uma das poucas possibilidades de participação aceita socialmente para essa geração das mulheres, como aponta Paulilo. (2010, 37).

Nestas festas de comunidade, ambas conheceram seus esposos, também tinham amigos em comum, afinal seus esposos moravam na mesma comunidade ou comunidade vizinha. O namoro sempre com muito respeito e sem relações antes do casamento, se a família descobrisse que isso acontecia antes do casamento a mulher poderia até ser expulsa de sua casa sem apoio algum da família.

D. Lia também assumiu por alguns anos o compromisso de ser professora para o pré-escolar. Foi contratada pela prefeitura e cuidava de crianças de 6 meses até aos 6 anos de idade mesmo sem ter formação para exercer a função. O processo seletivo era informal e levava em conta apenas o cuidado demonstrado com as crianças. Segundo ela, “por gostar muito de crianças, mesmo antes de ser contratada, sua casa vivia cheia de crianças filhos de seus vizinhos, então a secretaria da Educação vendo este cuidado a contratou como professora do pré-escolar para meio período”. A busca por pessoas na comunidade que pudessem assumir função docente, nas décadas de 60, se deve a pouca formação existente e a distância das escolas.

Essa geração se caracteriza por assumir triplas e até quádruplas jornadas de trabalho como mães, mulheres do campo, professoras, cuidadoras por considerar que precisavam cumprir seu papel social condizente a seu gênero.

2.2. A Segunda Geração de Mulheres no Campo (Nossas mães)

A segunda geração de mulheres do campo entrevistadas (as mães) não se distancia muito das condições das mulheres da primeira geração, a rotina é bem similar.

Para D. Lita, minha mãe, com 52 anos, 3 filhos, o ser mulher no campo, representa rotina similar à de sua sogra, D. Lia.

(...)Levanto de manhã, faço o fogo, eu e meu marido tiramos o leite, faço o queijo, encaminho o almoço. Quando casei tinha apenas o fogão a lenha, então deixava o almoço encaminhado e ia para roça, lá pelas 11:30 voltava para terminar o almoço, depois do almoço voltava para a roça, sempre com os filhos junto”. (Lita).

Para D.Val a rotina é semelhante. “(...) levanto cedo, arrumo o café, trato os bichos e vou para a roça, ao meio dia volto, termino o almoço e a tarde volto pra roça”.(Val).

Ambas gostam do campo mesmo com tantos desafios e tarefas, mas enxergam algumas desvantagens em morar no campo. (...) quase não temos tempo de sair porque de manhã e à noite temos que estar em casa para tratar as criação.” (Lita).

Tanto na primeira quanto na segunda geração, as crianças acompanham seus pais no campo desde pequenos. “(...)Levava as crianças junto para a roça porque não tinha creche”(Lita).

O cotidiano desta segunda geração é bem parecido com o da primeira geração, tanto a rotina quanto os lugares que frequentavam. Ambas também participavam ativamente da comunidade, organizando festas e participando de grupos de jovens. O namoro também sempre com muito respeito, porém há uma mudança. Como relatado anteriormente, minha mãe Lita quando casa já estava grávida, algo ainda não aceitável para a época. Já casados foram morar no terreno de meus avós paternos. Quando a família ficou sabendo da gravidez, o casal temeu que fossem expulsos da propriedade, porém D.Lia se antecipou e não permitiu que isso acontecesse. Ela defendeu a nora e o filho e disse que “o que interessava agora era a criança que estava vindo” – demonstrando a necessidade de integração familiar – cumprindo o seu papel socialmente atribuído.

Na segunda geração a escolaridade esteve um pouco mais presente na vida de nossas entrevistadas. Ambas estudaram até o quarto ano em escolas multisseriadas na própria comunidade onde residiam. Antes e após a escola tinham tarefas a cumprir em casa, mas isso não impedia que elas frequentassem a escola todos os dias. Contavam com o apoio dos pais para estudar, porém o estudo disponível para as pessoas do campo era somente até a quarta série do ensino de primeiro grau (atual ensino fundamental) A possibilidade de continuidade dos estudos somente no centro do município, o que equivalia percorrer uma distância de 24 km aproximadamente. Deste modo, gostar de estudar e ter o apoio da família não bastava.

Para essas duas mulheres os estudos foram interrompidos precocemente. As lembranças da juventude são de muito trabalho e um pouco de diversão- festa na comunidade e participação em grupos de jovens. (...) Não tinha transporte, a gente era pobre, era pouco horário de ônibus para ir até na praça”(Lita). “Para continuar estudando só se saísse de casa e aí não tinha condições”. (Val).

A relação entre as mulheres da segunda geração já era um pouco mais forte, mãe e filha conversavam mais, já se tinha mais liberdade e contavam com o apoio uma da outra. “(...) A gente conversava pra decidir, por exemplo, pra casar”. (Lita).

D. Val reconhece que ocorreram avanços nas relações entre mãe e filha. “É difícil sentar pra conversar, mas na época da minha mãe era mais difícil (...) eu e a Tai conversamos mais do que eu e a mãe”. (Val).

Quanto a divisão sexual do trabalho enquanto em uma das famílias há avanços da primeira para a segunda geração, na outra as relações permanecem as mesmas. D. Lita considera que “(...) Na época da minha mãe os homens eram mais machistas Eles iam para a roça mais os filhos e a casa era por conta da mulher, já na minha geração meu marido ajuda mais.” (Lita). Já para D. Val a divisão patriarcal do trabalho permanece. “(...) Trabalho na roça e em casa, mais pra me ajudar em casa só a Tai (filha)”. (Val).

Quando indagadas se tinham o poder de decisão nas questões da propriedade ambas responderam que “(...) A gente ajuda a decidir.” (Val). E que “Tomemos as decisões juntos, sempre conversando”. (Lita).

Ambas também já trabalharam em suas comunidades, já fizeram parte do CPC, Conselho Pastoral da Comunidade. D. Lita também já participou do ministério da eucaristia e catequese, e sempre procurou passar aos seus filhos a importância de trabalhar na e para a comunidade, tanto que hoje as filhas são membros atuantes na comunidade.

2.3. A Terceira Geração de Mulheres no Campo (As filhas)

A nossa terceira geração de mulheres do campo (filhas), enxerga vantagens em viver no campo. Eu, Carla, 29 anos, casada há dois anos, entendo que o ser mulher no campo vai além do trabalho físico.

A mulher no campo tem inúmeras funções, cuida da casa, vai para a lavoura. Quando se tem uma horta a função é da mulher, os animais geralmente também” (...). “Eu gosto do campo, temos algumas vantagens em viver no campo, como por exemplo somos nossos próprios patrões, não recebemos ordens e fazemos os nossos horários. Porém, o compromisso e as funções se acumulam, afinal somos o patrão e o empregado ao mesmo tempo. (Carla).

Para Tai, com 21 anos, ainda solteira, ser mulher no campo tem mais vantagens e é o que ela gosta de fazer. “Acordo de manhã, tomo café, trato os animais e vou para a roça. De meio-dia almoço e à tarde volto para a roça. (...) Uma vantagem é não ter patrão ser livre com seus horários.”(Tai).

Mas também consideramos que existem desvantagens:

Uma desvantagem que analiso são as oportunidades de estudo, principalmente na restrição da oferta de cursos superiores públicos. Os que existem são privados e a distância, e recentes já que “antes não se tinha internet nem ao menos sinal de telefone então você precisa sair da casa de seus pais e na maioria das vezes não se tem condições financeiras para isso”. (Carla).

A divisão entre trabalho e estudo nem sempre favorece. “Às vezes temos que ir na chuva ou em um sol muito forte porque tem serviço que precisa ser naquele dia, sei que pode até fazer mal, mas tudo é bom (risos)”. (Tai).

Para elas, mesmo com as desvantagens o campo ainda é o melhor lugar para estar e gostam muito do campo.

Para essa terceira geração a escola se fez mais presente. Tai conseguiu concluir o Ensino Médio. Segundo ela, “poderia ter dado continuidade, porém não quis”. Parou porque gostava bem pouco de estudar, então resolveu interromper os estudos ao terminar o ensino médio.

Já Carla,

“(...) estudar sempre fez parte dos meus planos, terminei o ensino médio no ano de 2008, porém neste momento não pude dar continuidade aos estudos. Na nossa cidade não tinha curso superior, então para dar continuidade precisaria sair de casa. Sem condições financeiras para isso, os estudos foram interrompidos. Só em 2017 a oportunidade de voltar a estudar surgiu com o Curso de Licenciatura em Educação do Campo, pela UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina, oportunidade única, afinal um curso em uma universidade pública, universidade reconhecida e na minha cidade.”(Carla).

Para essa terceira geração a escola já se fez mais presente, foi mais fácil ter acesso a escola, mesmo com algumas privações porém com avanços em relação às duas gerações passadas. Nossa juventude foi marcada por novas relações sociais - pela escola, jogar futebol, ir a festas, se divertir com os amigos. As relações entre mãe e filha também se tornaram mais fortes, temos um incentivo e o apoio das mães e avós, tanto na tomada de decisões que nos deem mais autonomia e independência, como, por exemplo, na continuidade dos estudos.

A relação entre filhas, mães e avós, também é um pouco mais próxima, do que nas gerações anteriores, há mais diálogo e companheirismo. “(...) Minhas avós sempre me contaram suas histórias, suas experiências de vida, elas e minha mãe sempre me deram conselhos, me incentivam e me apoiam nas minhas decisões.” (Carla).

O incentivo veio principalmente de minha mãe, quase uma ordem a ser cumprida. (...)você sempre gostou de estudar porque não tenta, pode ser bom é de graça a moça falou tão bem do curso, vai vê certinho, é a oportunidade que eu e muitas outras não tiveram”(Lita).

Sem dúvida “as conversas em casa me fizeram voltar estudar”. (Carla).

Com o apoio da família voltei a estudar todas as noites, nada fácil para quem estava a quase 10 anos fora da escola. Nestes quatro anos e meio muitas vezes passou pela cabeça a vontade de desistir. Frequentar um curso presencial significa todas as noites sair de casa às 5 horas da tarde e voltar às 11:30 da noite - um pouco cansativo para quem sempre gostou de dormir cedo (risos). Mas hoje posso dizer que valeu a pena. Este é o segundo ano que já estou lecionando em uma escola estadual, no ensino médio e posso dizer que me sinto realizada todos os dias.(Carla).

Além de professora, também participo da comunidade (Igreja), a pedido de minha avó D. Lia, ela e sua irmã, com mais dois casais, assumiram o compromisso de cuidar da igreja para que ela não fechasse. (Carla)

Trabalhar na comunidade para mim é algo que vem de família - sempre vi meus pais trabalhando, se envolvendo com a comunidade. Desde pequena estava junto nos salões, preparando as festas, doando alguma coisa para bingos e rifas. Meus avós também sempre participaram, tanto os paternos quanto os maternos. Eu me sinto bem ajudando, trabalhando para a comunidade.(Carla)

Tai é uma jovem que gosta muito de futebol, e tem o apoio e incentivo de sua família e namorado para jogar, o futebol para ela é um momento de lazer em suas horas vagas na lavoura.

Depois do casamento Tai e seu namorado optaram por permanecer no campo, a decisão partiu de conversas que eles tiveram. Decidiram permanecer na agricultura, com plantio de fumo e cebola, essa decisão se deve ao fato de que ambos gostam do campo, para morar e trabalhar, e desde que nasceram vivem no Campo.

A relação entre mãe e filha também está mais próxima, e Tai recebe de sua mãe o apoio quando ela toma a decisão de não dar continuidade aos estudos e permanecer no Campo, ao lado de sua família e ajudar na propriedade.

“(...) Eu com a mãe tem bastante conversa, bastante conselho nós sempre conversamos, com a avó também.”(Tai).

2.4. As diferenças e similaridades entre as Gerações de Mulheres

A partir das histórias de vida ouvidas das três gerações de mulheres do campo foi possível entender quais as relações que se estabelecem entre essas mulheres nas diferentes gerações, o que é ser mulher no campo para elas, o incentivo que tiveram para acesso à escola e a continuidade dos estudos.

Encontramos diferenças e similaridades entre essas três gerações.

Ser mulher no campo é algo muito similar nestas três gerações. Todas mantêm dupla jornada de trabalho. Cuidam da casa, são mães, agricultoras, desempenham inúmeras funções na propriedade e também se dedicam a comunidade.

D.Lia também dedicou 9 anos, trabalhando como professora para o pré-escolar. Atualmente Eliandra, sua neta, além de agricultura também trabalha como educadora na rede de ensino estadual de Santa Catarina. No entanto, D. Lia estava cumprindo sua missão de cuidar e trabalhar em prol da sua comunidade. No caso de sua neta há um avanço considerável. A formação superior e a contratação como docente origina-se da sua capacidade e formação, e não de um “acerto social”.

Tivemos alguns avanços quanto aos esposos que na primeira geração jamais “ajudariam” a mulher no trabalho de casa, como elas mesmos trouxeram em alguns relatos. . “(...) Na época da minha mãe e avó os homens eram mais machistas eles iam para a roça mais os filhos e a casa era por conta da mulher, já na minha geração meu marido ajuda mais.”(Lita).

As crianças também sempre foram responsabilidade das mulheres, elas que cuidam, dão de comer, e arrumam para a escola.

Ao analisar a rotina da mulher do campo e suas responsabilidades, é possível notar que elas são responsáveis pelo andamento da propriedade, elas são responsáveis pela alimentação de todos e pela organização da propriedade. Ao ouvir os relatos é possível notar que elas desempenham funções importantes e extremamente necessárias para o andamento da propriedade - agricultura familiar.

A relação entre mães, filhas e avós, tem uma grande evolução, na primeira geração mãe e filhas não conversam, apenas seguem regras, sem se questionar, sem interferir, porém

a situação começa a mudar já da primeira para a segunda geração, quando a família de D. Lia aceita e apoia seu filho e sua nora D. Lita que se casa já grávida. Na terceira geração ouvimos que há conversas entre mães, avós e filhas. A primeira e segunda geração ao contar suas experiências, suas histórias, seus acertos e erros, suas convivências familiares, fortalecem a terceira geração para que se tornem mais fortes e independentes.

A escola nem sempre esteve presente na comunidade de Barro Branco. Lá pela década de 40 o que havia era uma casa- escola, na qual não havia aula todos os dias o que fez com que muitos apenas aprendessem a escrever seu nome, e abandonassem em seguida a escola. Entre as décadas de 40 e 50 a escola se fez mais presente, porém não era obrigatório frequentá-la. Muitos ainda não a frequentavam regularmente, e as obrigações se constituíam primeiramente em trabalhar desde a infância. Atualmente as crianças têm garantido, constitucionalmente, o direito de frequentar a escola até o ensino médio. No entanto, muitos jovens abandonam a vida escolar sem concluir a escolarização. Para os que continuam a atuar na propriedade rural existe ainda a cultura, referendada pela escola “urbanizada”, de que para trabalhar na roça não é preciso estudar.

O acesso à escola talvez seja o que mais se destacou e se diferenciou nas três gerações. Na primeira geração temos D. Berta, que apenas sabe escrever seu nome, frequentou a escola apenas uns quatro meses, D. Lia frequentava a escola quando tinha tempo, ou seja, nessa época em primeiro lugar o trabalho, o estudo não era obrigatório. Desse modo, mesmo que as crianças e os jovens gostassem de estudar, estudavam apenas em horas vagas, a prioridade era o trabalho na propriedade. Na segunda geração temos um avanço, nossas entrevistadas estudaram até o quarto ano do ensino fundamental, já tinham o apoio dos pais para estudar, porém não haviam escolas, o ensino no campo era oferecido somente até o quarto ano do ensino fundamental. Como nossas entrevistadas eram provenientes de famílias pobres, para continuar os estudos não bastava gostar de estudar e ter o apoio da família, era necessário também ter uma situação financeira no mínimo equilibrada, então para elas os estudos foram interrompidos, não por falta de vontade ou desinteresse das famílias, mas sim porque a escola não estava disponível a todos.

A escola não se faz presente na memória de todos os sujeitos em especial aos do campo, isto porque a escola não esteve sempre presente no campo. Em especial as crianças e jovens do campo são privados de alguns benefícios, a escola em especial. Atualmente as crianças já tem acesso à escola, escola pública até o ensino médio, dali para frente apenas

instituições privadas e ensino a distância são disponibilizadas no município. Assim, para a continuação dos estudos é necessário sair do município.

Nos dias atuais a educação básica é obrigatória, o que faz com que o estado tenha a obrigatoriedade de disponibilizar as suas crianças e adolescentes desde a educação infantil até o ensino médio. Porém houve uma época onde o estudo não era obrigatório, certamente o campo foi o que mais sofreu com a falta de escolas. Por esse motivo, ao conversar com as mulheres da primeira e segunda gerações, as lembranças da infância não são as da escola, elas pouco frequentaram. A infância foi marcada pelo trabalho. A educação era oferecida apenas até a quarta série do ensino fundamental, em classes multisseriadas. Concluída a quarta série a única maneira de continuar os estudos seria saindo da casa dos pais, porém as condições financeiras impediam que isso acontecesse e a vida escolar da criança era interrompida precocemente.

Já a terceira geração concluiu o ensino médio, e uma delas faz um curso superior. Ambas têm o apoio da família para a continuidade dos estudos, porém a Tai decidiu parar após concluir o ensino médio. Já a Carla tem a oportunidade de cursar o ensino superior, teve o apoio e o incentivo de seus pais em especial da sua mãe para dar continuidade aos seus estudos - o apoio que ela recebe para os estudos é fundamental para a conclusão do curso. Esse apoio que ambas recebem da família, para dar continuidade aos estudos, vêm especialmente de suas mães. E, que para uma vida no campo também é necessário estudar, e que por meio de suas experiências de vida sabem que a vida no campo impõe dificuldades, então é necessário ter outras opções para retirada do seu sustento sem sair do campo, afinal ouvimos das três gerações que apesar dos desafios da falta de oportunidades viver e trabalhar no campo é muito prazeroso.

Essas mulheres usam de estratégias para integrar a família, tendo clareza que isso impacta no trabalho da propriedade. Além disso, passam a incentivar suas filhas a ocupar um espaço social de formação escolar e conseqüentemente ampliar os horizontes profissionais no campo, incentivando a autonomia e independência econômica. Essas mulheres desenvolveram, com suas experiências de vida estratégias sutis que possibilitam ampliar os horizontes das gerações futuras - suas parceiras de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo, investigar, em três gerações de mulheres camponesas, na comunidade de Barro Branco, município de Alfredo Wagner, a relação do se constituir mulher trabalhadora no campo e alcançar níveis mais elevados de escolaridade.

Ao longo do trabalho buscamos respostas para as perguntas que nortearam a pesquisa. Que relações e identidades estão presentes nas histórias de vida de três gerações de mulheres do campo da comunidade de Barro Branco, do município de Alfredo Wagner, em Santa Catarina? O que representou/a para essas mulheres o acesso à escola? Quais relações se estabelecem entre essas mulheres nas diferentes gerações para buscar a superação da dependência econômica e social?

Através dos relatos ouvidos, é possível notar como as mulheres vêm lutando pelo seu espaço, dentro e fora da propriedade, desde a nossa primeira geração temos mulheres que vem buscando uma dependência social e econômica, impondo suas ideias e lutando por seus objetivos de vida.

Todas são mulheres do Campo, que mostram identidade com esse espaço, gostam de estar ali. Além disso, foram construindo suas identidades ao longo dos anos, lutando por espaço, fortalecendo as relações familiares.

As relações entre mãe e filha que eram quase inexistentes na primeira geração passam a existir na segunda e terceira geração quando as mulheres estreitam as suas relações. Elas passam a se apoiar e incentivar uma nas outras. As mães da nossa terceira geração dão total incentivo e apoio a suas filhas para a continuação dos estudos já que elas não tiveram essa oportunidade, porque a escola não se fazia presente, e tem clareza o quanto isto fez falta para suas vidas. Ouvimos de D. Berta que a falta de estudos fazia com que estas mulheres não tivessem outra opção a não ser permanecer no campo. Já a nossa terceira geração com um nível maior de escolaridade tem o poder de escolha para ampliar seus conhecimentos, buscar autonomia, ter maior independência e permanecer ou não no campo.

As relações que elas construíram ao longo dos anos, os níveis de escolaridade que foram se ampliando a cada geração são estratégias que essas mulheres desenvolveram, buscando a autonomia, garantindo espaço e voz na propriedade e na comunidade. Ao longo do trabalho, temos a certeza que as mulheres do campo lutam diariamente, para conquistar seus direitos e serem reconhecidas desconstruindo paulatinamente a relação de hierarquia de gênero que ainda se faz muito presente no Campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto. STROPASOLAS, Valmir Luiz. **As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina**. In: Gênero e geração em contextos rurais. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. pp. 157-182.

BERTA S.C. Entrevista concedida a Eliandra Carla Sebold em junho. Alfredo Wagner. 2021.

CARLA.S. Entrevista concedida a Eliandra Carla Sebold em junho. Alfredo Wagner. 2021.

GERMINIANI, Haudrey. LORETO, Maria das Dores Saraiva de. **Mulheres rurais e trabalho: (Re) articulação dos marcadores sociais da diferença**. I SEMINÁRIO NACIONAL: Família e Políticas Sociais no Brasil – UFV. s/d

HERNÁNDEZ, Carmen Osorio. **Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf-Mulher para as mulheres agricultoras**. In: Gênero e geração em contextos rurais. Ilha de Santa Catarina : Ed. Mulheres, 2010. pp 95-120.

LIA K. S.. Entrevista concedida a Eliandra Carla Sebold em junho. Alfredo Wagner. 2021.

LITA T. J. S. Entrevista concedida a Eliandra Carla Sebold em junho. Alfredo Wagner. 2021.

NEVES, Delma Pessanha, MEDEIROS, Leonilde Servolo de (Org.) **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói;:Alternativa, 2013. 431p.

OLIVEIRA, Ighor Thadeu Silva. **A participação das mulheres rurais em organizações coletivas e as influências para suas identidades de gênero**. 2018, 103. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2018.

PAULILO, Maria Ignez. SILVA, Cristiani Bereta da. **Memórias de Luci Choinaski: histórias e lutas pelos direitos das mulheres camponesas**. In: Gênero e geração em contextos rurais. Ilha de Santa Catarina : Ed. Mulheres,2010. pp. 37- 62.

SCOTT, Parry. RODRIGUES, Ana Cláudia. SARAIVA. **Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais**. In: Gênero e geração em contextos rurais. Ilha de Santa Catarina : Ed. Mulheres, 2010. pp. 63- 94.

SILVA, Sandra Procópio da, MATOS, Jatene da Costa. As Mulheres Camponesas e produção invisível da Agroecologia. v.9 n.4, 2014 **AGROECOLOGIA** Trabalhos técnicos e científicos. Fev/2015.

TAI.D. Entrevista concedida a Eliandra Carla Sebold em junho. Alfredo Wagner. 2021.

TORRES, Raquel. **A vida calejada das Mulheres do campo. Outra Saúde: em defesa do SUS e de sua transformação**. UNISINOS. Publicado 08/03/2019 às 01:00. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587311-a-vida-calejada-das-mulheres-do-campo>

VAL C. D. . Entrevista concedida a Eliandra Carla Sebold em junho. Alfredo Wagner. 2021.

ZAGO, Nadir. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista Brasileira de Educação** v. 21 n. 64, pp. 61-78. jan.-mar. 2016 .